

ENTREVISTA

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle

Entrevistador: Rafael dos Reis Ferreira¹
Tradução: Patrick Wuillaume

Epistemologia Genética, Trajetórias Acadêmicas, Interpretações e Concepções

“Epistemologia Genética, Trajetórias Acadêmicas, Interpretações e Concepções” constitui-se de uma série de entrevistas com alguns dos principais estudiosos em Epistemologia Genética na atualidade. As questões são elaboradas, levando em conta sugestões recebidas de pesquisadores e estudantes do GEPEGE - Grupo de Estudo e Pesquisa em Epistemologia Genética e Educação e são apresentadas aos entrevistados; a ordem e a importância delas são determinadas pelo entrevistador, com a colaboração do professor Adrian Oscar Dongo Montoya. As entrevistas são dirigidas a personalidades consideradas, pelo Comitê Científico da Revista Schème, de notável saber na área.

Um dos principais objetivos dessa série é ampliar as discussões em Epistemologia Genética e possibilitar aos leitores a comparação de diversas interpretações e concepções dos temas em evidência.

As questões são enviadas por *e-mail* aos professores pesquisadores, dando-lhes o espaço que achem necessário para respondê-las. Agradecemos imensamente a disponibilidade de todos os entrevistados e o respeito assim evidenciado pela *Schème*.

¹ Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP de Marília. Atualmente é doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Editor Adjunto da Revista Schème.

O nosso entrevistado é o Prof. Jean-Marie Dolle, um dos principais estudiosos mundiais em Epistemologia Genética e Psicologia Genética, que muito tem contribuído para o desenvolvimento da Epistemologia Genética no Brasil. O professor e pesquisador é *docteur ès lettres et sciences humaines*, professor emérito da *Université Lumière (Lyon 2)*, dirigiu o *Laboratoire de Psychologie Génétique Cognitive de Terrain*, presidiu a *Association des Praticiens de la Psychologie Cognitive*, foi laureado pela *Académie Française*, e é autor dos livros (alguns deles traduzidos para o português), *Pour Comprendre Jean Piaget (Para Compreender Jean Piaget)*, *Ces Enfants qui n'apprennent pas (As Crianças que Não Aprendem)*, *La Pédagogie... une Science? Éléments pour une Pédagogie Scientifique (Princípios para uma Pedagogia Científica)*, *De Freud à Piaget, Au-delà de Freud et Piaget e Politique et Pedagogie*, além de muitos artigos científicos.

Revista Schème: Quais as principais motivações que levaram o senhor a se interessar pelo pensamento piagetiano?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Meus primeiros contatos com a filosofia se deram por intermédio do que era chamado, na época, de “filosofia do conhecimento”. A teoria de Platão me seduziu inicialmente, mas eu não conseguia aderir a ela em razão da mitologia que ela gerava para resolver os problemas mais difíceis. Com efeito, Platão, diante das “aporias” às quais se via confrontado, e, para poder dar uma resposta possível, declarava pela voz de Sócrates, “muthologoumeta”, fabriquem um mito (explicativo), por falta de algo melhor. Em seguida, estudei Aristóteles, mas também Parmênides, Heráclito, Zenão. Os estóicos me pareceram atraentes durante um período de tempo, mas logo me decepcionaram. Foi ao ler Descartes que determinadas exigências pessoais vieram à luz. Mas Espinoza me parecia ainda mais rigoroso. Kant foi para mim a grande revelação, e dediquei a ele anos de leitura sem que, contudo, ele conseguisse me convencer totalmente. Os problemas levantados pelo “númeno”, notadamente, ou ainda, o inexplicável sentimento moral em

nós mesmos, deixavam-me perplexo. Freud trazia o complemento, mas toda a sua mitologia “sexualizante” (Édipo, Electra etc.) não me atraía, da mesma forma que seu inconsciente não totalmente real, por causa do “pré-consciente” etc. Por algum tempo, a corrente existencialista me pareceu resolver alguns problemas, que, através de Edmund Husserl, conduziam a uma fenomenologia, considerada erradamente como uma ciência. Por outro lado, Friedrich Hegel me trouxe muita coisa e me marcou de forma profunda.

Os marxistas opunham sua teoria a todas as outras. A obra de Friedrich Engels, companheiro de Karl Marx, *A dialética da natureza*, cujo caractere fragmentário lamentamos tanto, fornecia uma nova visão da filosofia do conhecimento, que, acreditávamos, traria uma solução definitiva às inconseqüências do idealismo. Lênin, em diversas obras, e notadamente no *Materialismo e empiriocriticismo*, nos parecia assegurar uma visão materialista coerente do conhecimento. Mas tudo isso, no contexto da “guerra fria” e da propaganda comunista, encobria com um véu de ilusões o acesso a uma epistemologia fundada sobre uma ciência que não era senão “especulativa”, embora o marxismo tivesse também se autoproclamado ciência.

Foi através da psicologia da criança que pude ter acesso à obra de Piaget, que me convenceu da pertinência de suas afirmações e conclusões, porque ele trazia sempre a prova daquilo que ele adiantava pela via da experimentação. Os empirismos e idealismos, apresentados em seus limites e seus *a priori* contestáveis, não resistiam à coerência do interacionismo sujeito-objeto, nem, principalmente, ao fato de que é a atividade estruturada e estruturante do sujeito sobre o real que funda seu conhecimento.

Revista Schème: Como a obra de Jean Piaget foi e é recebida no meio acadêmico filosófico francês?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: De uma forma entusiástica por alguns, e reservada por outros, quando não chegava a ser até mesmo encarada com uma ponta de hostilidade. As “escolas” descobriam ali seu caráter restrito. Inicialmente Henri Wallon e seus discípulos. Vinha-se do mundo inteiro para assistir às suas aulas no *Collège de France* e fazer pesquisas sob sua direção. Seu pertencimento à corrente comunista seduzia muita gente, principalmente na América Latina e em países como a Espanha e Portugal. Quanto àqueles que aderiam a Piaget, eles se sentiam totalmente convencidos e podiam “finalmente” diria eu, dar a prova do que afirmavam. Mas restava uma categoria meio cética meio convencida que continuava a permanecer nos nichos em que ela poderia “jardinar” tranquilamente. Mas estou falando aqui dos psicólogos. Os filósofos, por seu lado, se interessaram, mas com exceção de alguns deles, entre os quais Lucien Goldman, recebiam, na verdade, essa “teoria” como os demais, sem grande interesse, mas com curiosidade. Poder-se-ia até dizer “mais uma”, se não fosse o fato de que ela não passou despercebida...!

Revista Schème: Na opinião do senhor, quais são os principais centros de Epistemologia e Psicologia Genéticas (onde se faz as pesquisas e discussões mais relevantes) atualmente?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Não sei. O que sei é que, no Brasil, Piaget é muito estudado em centros como os da Universidade de Campinas, da Universidade de São Paulo, da Universidade Estadual Paulista, em Marília. As Universidades de Curitiba e de Porto Alegre abrigam também piagetianos fervorosos. Mas meus conhecimentos param por aí. Há também muitas pessoas que seguem nessa direção em todo o mundo, mas não possuo informações satisfatórias sobre esse assunto.

O que observei, em contrapartida, é que muitos consideram que Piaget está ultrapassado, sem conhecê-lo por nunca tê-lo lido. O que atrai com mais frequência os jovens pesquisadores são as neurociências e as concepções que se apoiam nas “teorias da memória” cujo modelo implícito é a informática. O homem, reduzido a um jogo da memória frente a estímulos, encarna hoje o que o filósofo francês La Mettrie, chamava, no século XVIII, de “homem máquina”. É o grande retorno ao empirismo e ao abandono do interacionismo, exigente demais em termos intelectuais. Mas quando se ouve falar de “memória de curto prazo”, “de longo prazo”, “de trabalho”, o que se entende com isso? Quais são os limites dessas “memórias”, e onde é que elas começam? Não estaríamos, com esses termos, nos aproximando justamente da metafísica?

Revista Schème: Sabemos que Piaget foi influenciado por Kant, mas diferentemente de Kant, Piaget compreende que os esquemas são construídos pelo sujeito na sua interação com o meio. Ora, se os esquemas são construídos, eles não estariam em potência no sujeito? Se sim, isso não seria um tipo de apriorismo ou um inatismo?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Sim, sem dúvida Piaget foi influenciado por Kant. Mas como o diz Zélia Ramozzi-Chiarottino, trata-se de um Kantismo evolutivo. Aliás, nem Kant, nem qualquer pensador do fim do século XVIII tinham a menor concepção sobre a gênese em biologia. Loewenhoeck acreditava na possível existência de um “homunculus” no espermatozoide, uma miniatura de homem, já formado, mas tão pequeno que o microscópio não podia percebê-lo. E sem que isso fosse explicitamente dito, o espírito da criança era tudo o que o ser humano podia ser, mas que estava de certa forma, adormecido. Não havia, portanto, gênese, a não ser para Jean Jacques Rousseau, que nisto foi um precursor. Mas como os esquemas piagetianos se constroem na interação, por acomodação, trata-se naturalmente de ação, e, portanto, da implementação de estruturas que nada têm de inatas,

mas que se constroem e se integram umas às outras para formar sistemas cuja complexidade e mobilidade são cada vez maiores. Como os esquemas procedem da biologia, é preciso recorrer à adaptação vital para apreender sua origem. Mas a adaptação das *limneias* dos lagos suíços é também vital. A adaptação das crianças, entretanto, faz-se em um nível infinitamente superior, autoconstruindo esquemas cada vez mais complexos em virtude da própria complexidade das adaptações necessárias ao seu desenvolvimento nos seus meios vitais. O que é inato, é a capacidade de qualquer vida adaptar-se e, portanto, desenvolver as estruturas de adaptação de que necessita nos ambientes em que ela se encontra.

Revista Schème: Sabendo que a epistemologia é tradicionalmente uma subdisciplina da filosofia, o pensamento piagetiano não deveria ser estudado, também, nos cursos de filosofia?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Por que não? Mas, por outro lado, para que fim? E será que esse pensamento teria como escapar da especulação e da ideologia?

Revista Schème: Quais são os principais legados que o pensamento piagetiano deixou para a Epistemologia e a Teoria do Conhecimento em relação às epistemologias e teorias do conhecimento anteriores?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: A questão é complexa e exigiria desenvolvimentos circunstanciados no que diz respeito às diferentes teorias filosóficas do conhecimento. O que é preciso guardar, sobre a epistemologia genética, é que ela é fundada na observação e na experimentação. Ela ganhou, portanto, seu status de ciência, igual ao de todas as ciências experimentais. Ela parte da ação do sujeito sobre o meio, e das transformações que as interações adaptativas ali desenvolvem. É por meio da ação e depois pelas operações (ou

ações interiorizadas) que o sujeito constrói a si mesmo e o meio no qual ele age. Diversamente do empirismo, não são as sensações que estão na origem do conhecimento, mas sim as ações do sujeito. E contrariamente ao idealismo, não é o pensamento sozinho que leva ao conhecimento. A ação do sujeito é mais uma vez transformadora e construtora do sujeito e do meio no qual ele age, ou, se preferirmos, vive. Mas como toda ação ou atividade desenvolve estruturas, Piaget procurou colocar em evidência sua gênese e modelizá-las.

Revista Schème: O senhor conhece alguma teoria que seja tão poderosa quanto (ou complementar) a teoria de Piaget para explicar o desenvolvimento humano?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Nos dias de hoje, não conheço nenhuma. Mas as tentativas de teorização das neurociências e das teorias do conhecimento oriundas da cibernética são para mim insignificantes. Pelo menos no momento! Talvez, um dia viremos a conhecer outras, mas elas não poderão se desenvolver fora do contexto interativo sujeito-meio.

Revista Schème: Quais são os limites da Epistemologia Genética? Qual o poder de explicação da teoria de Piaget e quais os seus pontos mais fracos?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: A meu ver, os pontos fracos da teoria de Piaget devem-se à dificuldade encontrada nas tentativas de explicitação dos processos adaptativos. Eles também se devem aos limites da formalização lógica dos processos dinâmicos. Haveria necessidade aí de modelos informáticos capazes de por em evidência as transformações reais existentes nos processos construtivos. Falta também uma teorização da dialética em todos os aspectos estruturo-funcionais dos fenômenos de gênese. Sou de opinião que, da mesma forma como existe uma física teórica, há lugar também

para uma epistemologia teórica que conceba modelos cuja pertinência ou não deveria ser objeto de pesquisa em psicologia genética.

Revista Schème: Que relação o senhor vê entre a Psicologia Genética e a Psicanálise? Sabemos que Piaget se centrou na estruturação lógico-matemática que o sujeito faz da realidade para explicar o seu desenvolvimento psicológico e epistemológico e que Freud se focou nas origens da infância e nas bases da família para com vistas a melhor explicar a formação da personalidade nos seus aspectos emocionais. Podemos dizer que tais teorias são complementares? Se não, quais são os pontos centrais em que elas divergem? Qual o poder de explicação de cada uma delas? Podemos dizer que uma é melhor que a outra?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: A psicanálise não é uma ciência experimental. Ela é uma teoria fundada em práticas clínicas que conduzem a tantas interpretações diversas quantos são os teóricos que as estudam. O fato de poder ser rigorosa é evidente porque ela é muitas vezes argumentada pelo pensamento racional ou pela lógica do pensamento. Vale para ela a mesma coisa que Heidegger concebia a respeito da “Filosofia como ciência rigorosa”. A psicanálise se refere a Freud, mas, a partir dele, quantas práticas existem fundadas em teorias muitas vezes divergentes. Penso em Adler, Jung, Lacan, apenas para citar alguns nomes. O que surpreende – e isto foi frequentemente assinalado por Piaget – são as relações que a atividade cognitiva mantém com a afetividade. Piaget foi muito sensível a essas relações. Prova disto é sua aula na Sorbonne que pode ser lida na revista *Direcional Educador* com os comentários do Dr. Claudio Saltini. Mas, ao ler seus livros, constata-se, de vez em quando, observações sobre as relações entre a afetividade e a inteligência, observações essas de grande pertinência. Infelizmente, elas não foram ainda reunidas em um artigo ou em uma obra. Mas, para ele, a afetividade acompanha sempre a atividade cognitiva e constitui a energética da inteligência.

Revista Schème: Pode a Psicologia Genética ajudar na reabilitação de pessoas com problemas de ordem emocional, além de problemas de ordem cognitiva?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: A psicologia genética estuda a gênese da atividade de conhecimento. Ela se transforma em prática clínica, quando faz diagnósticos clínicos do desenvolvimento e, em atividade de intervenção, quando tenta remediar atrasos de desenvolvimentos ou aprendizados operatórios. Mas ela só poderá ligar-se a problemas emocionais de forma indireta, favorecendo o desenvolvimento das estruturas cognitivas e seu bom funcionamento. O sentimento de eficácia cognitiva, sentido pelo sujeito, repercute sobre seu equilíbrio emocional e instaura, assim, uma melhor imagem de si mesmo (autoimagem) que lhe dá um sentimento de confiança em si mesmo e nas capacidades que lhe faltavam. O sentimento de eficácia cognitiva proporciona uma satisfação afetiva de grande valor para o sujeito.

Revista Schème: Qual o maior legado que o pensamento piagetiano deixou ou deixa para a Biologia e a Psicologia?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Piaget lega à biologia a prevalência da interação e da adaptação construtiva que funda a psicologia como forma de adaptação superior, no nível do humano.

Revista Schème: Parece-nos cada vez mais evidente que nossa sociedade vive, atualmente, uma crise de valores provocada por um individualismo extremo, pela banalização da vida e crescente violência em todas as ordens. Poderiam as reflexões de Piaget sobre a moralidade explicar esta crise? Quais as suas principais contribuições para esta crise de valores?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: A crise atual tem suas raízes na deserção da autoridade parental e na desarticulação dos vínculos familiares em

razão dos divórcios, do trabalho do pai e da mãe que não podem por esse motivo assumir todas as suas responsabilidades, pelo relaxamento dos costumes, a demasiada liberdade dada às crianças, liberdade essa sem fiscalização. Daí decorre também uma crise de valores igualmente prejudicial ao equilíbrio psicoafetivo das crianças.

Revista Schème: Piaget não quis sobrepor a Psicologia à Pedagogia, mas destacou que a Psicologia poderia ser um recurso eficaz para dar à Pedagogia um caráter mais científico. O pensamento de Piaget pode fazer da Pedagogia uma ciência e transformar o professor em um pesquisador?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Certamente. Tenho a mesma opinião. Aliás, escrevi alguns artigos em revistas brasileiras sobre o assunto e duas obras minhas, traduzidas no Brasil, vão no mesmo sentido. Esses livros são: *Essas crianças que não aprendem*, traduzido por Saltini e publicado pela editora Vozes e *Princípios para uma pedagogia científica*, com tradução de Sandra Loguércio, revisão de Fraulein Vidigal de Paula, publicado pela Artmed, em 2011.

Revista Schème: Como o senhor vê a relação entre o pensamento de Saussure e o de Piaget?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Piaget se inspirou muito em Saussure, principalmente na obra *La formation du symbole chez l'enfant* (A formação do símbolo na criança). Entretanto, como não sou linguista não me sinto competente para responder a essa pergunta. Ele se utilizou da expressão “função simbólica” que os linguistas depois substituíram por “função semiótica”. E Piaget acompanhou. A meu ver, erroneamente.

Revista Schème: Em sua visão qual a distinção própria entre Psicologia Genética e Epistemologia Genética?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Essa pergunta é muito importante e delicada. Ao procurar uma resposta para a questão “como nascem conhecimentos e como se expandem” Piaget estudou *La naissance de l’intelligence chez l’enfant* e *La construction du réel chez l’enfant* (*Nascimento da inteligência na criança* e *A construção do real na criança*, respectivamente), observando a forma pela qual os bebês construía as estruturas de sua atividade sensório-motora em relação com o “objeto”, ou seja, o que se encontra na sua vizinhança, no perímetro de deslocamento de seus pais e depois, quando começa a andar, os seus próprios deslocamentos. Em seguida, ele começou a demonstrar como a inteligência representativa, apoiando-se nos símbolos produzidos pela função simbólica, elaborava, por meio da imitação diferida, o pensamento por imagens, para depois se dedicar ao pensamento por conceitos, antes de chegar ao pensamento hipotético-dedutivo. A descrição das transformações da ação e das operações (interiorização das ações, ou ações executadas em pensamento e reversíveis) nos diferentes níveis do desenvolvimento hierárquico alcançados, definem a psicologia genética. Em outras palavras, como é que se instalam as estruturas do conhecimento? Ou ainda, Piaget descreve – em termos de estruturas – as transformações da atividade sensório-motora e operatória que ele traduz sob a forma de estádios. Mas a partir do momento em que ele analisa as modalidades de seu funcionamento (processos figurativos e processos operativos, por exemplo), ele entra na epistemologia genética. A partir do momento em que ele coloca a pergunta “como nascem conhecimentos e como se expandem”, ele postula a existência de estruturas dessa atividade, que numa primeira fase ele tenta trazer à luz. Mas – segunda etapa – seu funcionamento revela os processos que elas desenvolvem: por exemplo, os processos figurativos e os processos operativos já citados, as abstrações diversas, tais como as abstrações empíricas, pseudo-empíricas, refletidoras (reflexionantes), reflexivas, ou ainda, a equilibrção das estruturas cognitivas, ou ainda, a generalização, a tomada de consciência, conseguir, compreender, explicar etc.

Daí as grandes questões que dizem respeito à organização da atividade em sistemas lógicos e sua formalização, a questão dos morfismos e das categorias etc., etc. Mas não há sempre grande distância entre psicologia genética e a epistemologia genética. Pode-se facilmente passar de uma para outra.

Revista Schème: Em certas passagens de sua obra, Piaget faz certo paralelismo entre a construção histórica dos conceitos da História da ciência e a construção dos conceitos no âmbito psicogenético. Nesse sentido, a nossa pergunta é: o senhor vê alguma contribuição deste paralelismo para a Filosofia da História? Se sim, a história da humanidade, semelhantemente ao desenvolvimento psicológico e epistemológico humano (crescimento dos conhecimentos), teria um desenvolvimento crescente e acumulativo? Podemos falar em progresso?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: No início, alguns filósofos do século XIX e do início do século XX, como Lévy-Brühl, na França, acreditavam na existência de uma “mentalidade primitiva”, que descreveram em obras famosas de seu tempo, a partir dos relatos de missionários, exploradores etc. Eles imaginavam que havia um pensamento anterior ao pensamento lógico do adulto civilizado, e, portanto, inferior, como se acredita que seja o das crianças, antes do pensamento conceitual, ou antes dos 7 anos de idade. Aliás, esse paralelo foi feito por numerosos autores. Lévy-Strauss, bem conhecido no Brasil, se dedicou, em sua obra *Tristes tropiques*, ao estudo dos conteúdos de pensamento, das representações, das crenças, das práticas culturais ligadas às crenças, nas populações indígenas do Brasil. Ele chegou até a se dedicar a uma abordagem cultural de seus pensamentos, através dos conteúdos que eles desenvolviam. Mas se nos ativermos à gênese das estruturas do pensamento, perceberemos que ela segue a ordem revelada pela psicologia genética, mas com atraso em relação às crianças dos países ocidentais, por exemplo. Nas entrevistas com povos da Amazônia, que podem ser vistas em programas

especializados, percebe-se que as modalidades do raciocínio dos índios adultos não mostram diferenças com as dos assim chamados ocidentais. Eu mesmo tive a ocasião de falar com um índio que encontrei em Copacabana e que vendia arcos e flechas e outros produtos de artesanato de sua tribo e não encontrei obstáculo algum na comunicação com ele, do ponto de vista racional. Tenho até mesmo admiração pela forma com a qual eles raciocinam quando defendem seu direito de viver de acordo com suas tradições. Alguns dirão que é pelo fato de haverem sido ocidentalizados (o que não é o caso de certas tribos da Malásia). Pode até ser, mas estou falando aqui do sujeito epistêmico, e não dos conteúdos aos quais ele se adapta nos seus meios de vida e que modificam seu funcionamento. Classificar segundo a lógica das classes é algo que é encontrado em qualquer civilização. Mas se há tabus a respeitar, o resultado será modificado, e nesse caso, são as representações coletivas que devem ser incriminadas, e não o sujeito epistêmico, e, portanto, as estruturas. Um dos nossos alunos africanos se dedicou a estudar uma prática coletiva de seu grupo étnico que consistia em fazer cortes na própria barriga, para depois esfregar caulim na ferida, o que a cicatrizava imediatamente. Mas, em suas análises, ele havia descoberto um engodo. A lâmina, na verdade não era enfiada profundamente na barriga, mas apenas uma partezinha da ponta, tomando-se muito cuidado para não penetrar em profundidade. Resultava daí apenas um ferimento na pele e nada mais. Mas, no movimento do transe, com a dança, o gesto ultrarrápido de golpear o ventre e de fazê-lo sangrar superficialmente, não se podia perceber a natureza quase simbólica desse ato. No fim, resultava apenas uma cicatriz na barriga, que provava essa prática coletiva e que dava prestígio ao seu autor. Mas, embora consciente desse logro, nosso aluno, ao ver o vídeo que ele tinha feito dessa cerimônia, foi contagiado pelo ambiente coletivo da cerimônia e vacilou de tal modo que imaginamos que ele estivesse passando mal. Ele não acreditava mais no ritual, mas a pressão social sentida ao

passar o vídeo o tinha feito retornar a essa prática de seu grupo étnico. Como é difícil romper com crenças e práticas que nos marcam desde a infância!

Creio no progresso do pensamento e da ciência, mas não acredito que se possa modificar o próprio homem. Cada geração deve repetir o caminho daquela que a precedeu. As conquistas de um homem lhe pertencem e ele pode transmiti-las a outros – é a tarefa da educação –, mas cabe a cada um apropriar-se das conquistas da geração anterior, tornando-as propriedade sua; o que quer dizer, absorvendo [certos elementos] e deixando [outros]. Dito isto, que progressos conseguiu a humanidade desde os tempos dos pré-socráticos? A não ser pelo desenvolvimento das ciências, não creio que sejamos mais sábios que os seguidores de Confúcio, do Taoismo, ou dos sábios da Índia. Não há, portanto progressos cumulativos na conduta dos homens, no que diz respeito à sabedoria.

Revista Schème: Uma vez que Piaget nos mostra que, da organização biológica do sujeito, perpassando pelo seu desenvolvimento psicológico e chegando às suas estruturas mais abstratas do conhecimento, não há uma separação, mas uma continuidade profunda, progressiva, lenta e gradual, podemos ver nisso uma solução para o problema mente-corpo em Filosofia da Mente (entendendo que este problema ainda é um problema atual)?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Creio que a pergunta já traz em si sua resposta. As relações do espírito e do corpo são da alçada da sabedoria. Em minha opinião!

Revista Schème: Sabemos que Piaget estudou o conhecimento físico, o lógico-matemático, o social, a moralidade, e tratou de questões pedagógicas. Então nos perguntamos: se Piaget estivesse vivo hoje, quais seriam as suas temáticas de estudo frente às novas questões (ou desafios) científicas, morais e pedagógicas de nossa época?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Impossível responder a essa pergunta. O que Piaget pensaria é coisa que só caberia a ele. Não há como nos investirmos de seu pensamento.

Revista Schème: No “Ensaio de Lógica Operatória”, escreve Grize (PIAGET, 1976, p. 90, nota 6): “A estrutura de agrupamento, que Jean Piaget introduziu em 1941, revelou-se difícil de ser formalizada completamente. As tentativas feitas, até hoje, são ainda pouco satisfatórias, no sentido de que todas comprometem, de uma maneira ou de outra, o pensamento de Piaget”. A nossa pergunta é: alguém conseguiu até hoje buscar esta formalização? Quais são os principais trabalhos que o senhor conhece nesse sentido? Existem pessoas que se preocupam com esta questão e questões mais de Lógica Operatória atualmente?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: Não do meu conhecimento, pois os psicólogos não estão mais adiantados que os lógicos. Mas, o que Piaget tentou trazer à luz é a lógica em construção, por assim dizer, a “lógica dos sistemas dinâmicos” que escapam à formalização “ossificante” (ou fossilizante). Mas, o obstáculo vem da incrível indigência da lógica dialética que apenas pode ser pressentida sem nunca poder expressá-la a não ser imobilizando-a. O pensamento “categorizante” é o obstáculo mais proibitivo. Embora possamos filmar o crescimento dos órgãos, em biologia, acompanhando todas as suas transformações, nem por isso conhecemos a forma de produção. Isto, porque se trata do vivente e o vivente não se deixa reduzir a um filme que o mostra manifestando-se no seu processo dialético. Quando Heráclito dizia “tudo se escoia” (panta rhei), ele não podia dizer mais nada a respeito desse processo dinâmico que é o escoamento da água e do tempo. Nem tampouco o dialético, ao estabelecer a interação através de um sistema de dupla seta (\leftrightarrow), indicando a dinâmica da interação, mas que não consegue expressá-la de outra forma que não seja uma forma simbólica, numa paralisia de irreprimível fixidez. A lógica

dos sistemas dinâmicos ainda está por ser inventada. Não se pode reproduzir nem o movimento do pensamento (cuja filmagem, se fosse possível, seria ótima), nem o movimento criador das estruturas, nem tampouco as adaptações majorantes. O limite do pensamento humano é o limite do que é vivo, do movimento, do devir, da criação etc. Nesse sentido, a razão está com Bergson.

Revista Schème: Por fim, gostaríamos de perguntar como o senhor explicaria, do ponto de vista da concepção piagetiana, o conhecimento necessário e universal da Matemática? Nesse sentido, em que medida Piaget se distancia de um platonismo?

Prof. Dr. Jean-Marie Dolle: A matemática é a explicitação da organização do pensamento que se constrói e se expressa em formulações que antecipam os estados produzidos pelas transformações da matéria e do cosmos. São as ações do homem, exercidas sobre o real, que permitem conhecê-lo; porque é através da tomada de consciência do que ele faz, enquanto o faz, em outras palavras, das propriedades de suas ações, que o homem conhece o universo e expressa esse universo na linguagem matemática que ele inventa e reinventa sem cessar. Não existe um mundo platonista da matemática, que é “uma criação contínua de novidades imprevisíveis”, para citar uma expressão do poeta Paul Valéry a respeito do tempo.